

CAPÍTULO XI

PROTAGONISTAS DA LIBERDADE RELIGIOSA CONSTRUINDO UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA ESCOLA

Késia Viviane da Mota¹
Marquidove Domingos da Silva²

¹Escola Municipal David Trindade – João Pessoa, Paraíba, Brasil;
kesiavm@professor.joaopessoa.pb.gov.br

²Escola Municipal David Trindade – João Pessoa, Paraíba, Brasil;
marquidove.dsilva@professor.joaopessoa.pb.gov.br

Introdução

A respeito do termo Educação Antirracista, podemos considerar a Educação como sistema que tem por objetivo o aprendizado. No Ensino Fundamental, espera-se que estudantes do primeiro ao nono ano consigam aprender e adquirir habilidades diversas, muitas delas previstas pela BNCC¹. Por exemplo, estudantes concluirão sabendo ler e escrever. Assim, Educação Antirracista deve desenvolver habilidades sociais de convivência harmônica com a diversidade humana, inclusive a diversidade religiosa, para formar cidadãos e cidadãos não racistas e antirracistas.

O presente artigo reflete sobre a aplicação da Lei nº 10.639/2003², no Ensino Fundamental, considerando especialmente o combate ao racismo religioso. O relato de experiência de um professor e uma professora candomblecistas que atuam na mesma escola³ é ponto de partida para a proposta que pretende exercer o papel de influenciar

¹ Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

² Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm

³ A Escola Municipal David Trindade, localizada no bairro de Mangabeira - João Pessoa-PB.

professoras e professores, em toda a rede e em outros contextos, a exercer pessoalmente a liberdade religiosa e assumir a sua própria religiosidade de matriz africana, em seu ambiente de trabalho.

A luta pelo respeito à diversidade religiosa, para pessoas de religiões de matriz africana, é uma luta contra o racismo porque as práticas religiosas partem de uma cultura do povo preto. A aplicação de uma lei federal que visa a Educação Antirracista tem sido um desafio, desde que foi promulgada, no ano de 2003. Embora se espere que, num país que se constitui Estado de Direito, cumprir uma lei seja natural, não é o que se observa, quanto à aplicação da lei em questão. Aplicar, no cotidiano da sala de aula, projetos e sequências didáticas que envolvam a cultura e a história afro-brasileira implica um trabalho de pesquisa individual, de cada docente, pois as coleções de livros didáticos em uso não costumam atender a tal dispositivo legal.

O trabalho cotidiano para uma educação antirracista torna-se uma escolha, de fato. Escolha que encontra obstáculos quando a gestão e a equipe pedagógica da escola apresentam perfis intolerantes e racistas. A educadora antirracista Bárbara Carine comenta:

O Brasil é um país estruturalmente racista e, nesse cenário, não há como fugir do racismo na escola. Como já dialogamos aqui, a escola é um complexo social gestado no interior de uma sociedade, que carrega as marcas estruturais dela. Isso não significa que, como a escola reproduz racismo, não há nada a ser feito. Muito pelo contrário: sendo a escola um espaço de reprodução dessas estruturas de opressão, precisamos pensar em mecanismos de superação dessas mazelas também, principalmente por meio do sistema educacional formal. (Carine, 2023, p. 67).

As diferentes práticas tendentes ao racismo, na escola, configuram violências que precisamos combater. Diante de tais violências, muitas pessoas, por cansaço, por medo ou por escolha, decidem adotar uma postura de silenciamento. Nós, autores do presente artigo, estamos no grupo de docentes chamados de *diferentões* ousados. E, não sejam ingênuos, muitas vezes enfrentamos situações de assédio moral. Mas não desistiremos. O presente trabalho é uma das formas pelas quais resistimos e ousamos.

Experiência de Docentes Candomblecistas na E. M. David Trindade

A escrita do trabalho, a partir de agora, é em primeira pessoa, por ser um relato da vivência de uma professora e um professor candomblecistas, na escola. A professora, iniciada no Candomblé em janeiro de 2025; o professor, com experiência de mais de trinta e cinco anos, na religião.

Eu, professora Késia Mota, tive a ideia de escrever os nossos relatos e convidei o professor Marquidove Domingos por diversos motivos. O principal deles é que a minha vivência, na escola, tem sido confortável porque o caminho foi aberto pela presença dele, naquele ambiente de trabalho, há muitos anos. A equipe gestora e demais equipes de trabalho atuam com respeito e, quando necessário, em defesa dos nossos direitos. Mais uma vez recomendamos a não ingenuidade: é um privilégio difícil de encontrar, como veremos no relato do professor Marquidove. Certos do impulso pedagógico das nossas posturas, o item seguinte aborda exatamente a proposta pedagógica que adotamos, no decorrer do presente ano letivo e, finalmente, no item *Resultados*, palavras de estudantes das nossas turmas de sexto ano.

Relato de uma professora experiente, recém iniciada no Candomblé

Ser professora é o que me identifica e também o que me move. Meu trabalho é mais do que algo que eu faço para o meu sustento, é quem eu sou, é a minha identidade e, como mulher religiosa, digo que é a minha missão. É algo que eu escolhi junto com a espiritualidade para viver, nesta jornada da vida. Meu orixá⁴ de frente é Exu, o Senhor dos Caminhos. Ele me movimenta sempre, pois não suporta ver nada parado. Com o patrono Paulo Freire (2020), aprendi que Educação é caminho. Não à toa, como filha do Senhor dos Caminhos, sou educadora e pretendo atuar abrindo caminhos, não somente ao lecionar, mas também ao me posicionar. Costumo dizer que faço questão de permitir que as pessoas identifiquem de que lado da História eu estou, que saibam quem eu sou, inclusive pela minha linguagem visual.

Recentemente, passei pelo processo de iniciação (feitura) no Candomblé, dedicando o meu ori (cabeça) ao orixá. Popularmente, dizem que eu *fiz o santo* numa

⁴ Divindade cultuada no Candomblé e outras religiões de matriz africana.

religião de matriz africana. A minha cabeça foi raspada exatamente no dia 18 de janeiro de 2025. Assim, decidi relatar a vivência como professora de cabeça raspada, usando turbante, roupas brancas e colar de contas (guia) diariamente, em sala de aula.

Trago a minha própria vivência como relato de experiência pedagógica, por uma educação antirracista, no decorrer do ano de 2025, desde os primeiros dias letivos até o mês de julho. Sou mulher candomblecista, na função de *yawô*⁵, no Ilê Axé Oju Ofá Dana Dana, Iyalorixá Mãe Renilda de Oxóssi, localizado em Mangabeira, perto da escola David Trindade.

Nos primeiros momentos do ano letivo, o jornal paraibano *A União* realizou uma entrevista a minha mãe de santo, Mãe Renilda, e a meu pai de santo, Pai Carlos. Eu fui fotografada, usando a roupa de razão⁶, e duas fotos minhas apareceram na matéria. O título da matéria é *Turbante é um sinal de resistência*⁷.

Apliquei o texto da matéria acima, como objeto de estudos, nas minhas aulas. Aproveitei a ocasião para realizar uma roda de conversa, em que estudantes poderiam fazer perguntas, livremente. Percebi interesse e também rejeição ao conhecimento a respeito do Candomblé. Senti, por parte de alguns estudantes, sinais de indignação. Houve até mesmo casos de transferências de estudantes. Mas foram poucos. A grande maioria demonstrou interesse acolhedor. E o interesse é um belo combustível para o conhecimento e o saber.

Sou uma professora muito amada pelos/pelas estudantes. Tem sido assim desde que ingressei na rede municipal de João Pessoa, em 2015. Com pouquíssimas exceções, meus alunos e minhas alunas se sentem bem comigo, aprendem muito e me fazem bem, também. Tendo sido iniciada, com a cabeça raspada para o orixá e com a estabilidade garantida pela posição de professora concursada, eu não poderia deixar de aproveitar a ocasião pedagogicamente. Acredito que o combate ao racismo, na Educação, seria insuficiente sem combater o racismo religioso. Gosto de expor a minha identidade, em todos os sentidos, para ajudar a formar cidadãos e cidadãs felizes, justos e socialmente

⁵ Filha de santo que “vira” no orixá (incorpora), para que ele venha em terra energizar seus filhos e suas filhas, dançando, durante o xirê, no barracão.

⁶ Roupas brancas usadas no terreiro (saia, camisu – que é a camisa –, pano da costa e ojá de cabeça, com os colares de contas etc).

⁷ Disponível em:

https://auniao.pb.gov.br/servicos/copy_of_jornal-a-uniao/2025/fevereiro/jornal-em-pdf-23-02-2025-cdepc.pdf/view

conscientes.

Relato de um sobrevivente candomblecista em sala de aula

Sou o Pejigan Marquidove de Oyá Ibalé, iniciado no dia 3 de janeiro de 2004, no Ilê Axé Ominjuguê, filho do Babalorixá Marcone de Ogum, filho pequeno de Babalorixá Junior (Hongbono) de Oxum, criado no roncó pela Ekedji Márcia de Oxum. Neto de santo do Babalorixá Erivaldo de Oxum. Tenho três bisavôs de santo (um deles falecido): Doté Jackson de Oyá (Cajazeiras-PB), Babalorixá Bel de Oxum (Salvador-BA) e, por fim, Babalorixá Motumba de Oxaguiã (*in memorian*). Pertencço à Raiz Tawá e à casa Ilê Ominhunguê.

Quando digo que sou um sobrevivente é porque não foi fácil trafegar a complexidade humana, sabendo que o racismo religioso sempre estará presente e seria visto como um estranho, diferente, de um lugar que às vezes é chamado de *casa de Satanás*. Hoje, ainda tenho, lançados sobre mim, olhares atravessados, cochichos e comentários sobre vestuários, adereços e joias do meu Orixá. Tenho uma longa jornada e, posso dizer, vestiria todas as minhas roupas de axé, em sala de aula e na comunidade religiosa.

Iniciei meu ofício de professor em 1989. Naquela época era muito mais difícil, tive que fazer de tudo para permear a comunidade escolar e sair dela ileso. Não tenho muitas angústias e decepções com o corpo discente. Todos os meus desapontamentos foram com o corpo docente, nas escolas em que trabalho há mais de vinte e cinco anos. Sou filho de tal complexidade, porém vivo de cabeça erguida, ensinando e sensibilizando jovens de que todos possuem direitos, na obscuridade humana. Busco construir reflexões acerca de discussões relacionadas às religiões e aos povos afro descendentes e originários. Tenho desbravado caminhos tortuosos, através de conversas e reflexões em busca de uma convivência pacífica, na comunidade.

Houve um tempo em que eu ministrava aulas no Ensino Médio e desenvolvi o Projeto *Literatura Africana*, ao lado de uma professora de História, também candomblecista, desmitificando o Candomblé e a Umbanda. Trabalhei arduamente, sobre a diversidade, ensinando que a base de tudo é o respeito. Tudo baseado na Lei

7.716/1989⁸, na Lei 12.288/2010⁹, na Lei 14.532/2023¹⁰ e na Lei 9.459/97¹¹.

Com todas as leis regulamentadas e postas em prática, tem sido mais fácil trabalhar, mas ainda há, após trinta e cinco anos, membros das escolas com olhares discriminatórios e cochichos covardemente ofensivos, cuja coragem de verbalizar pensamentos não é expressa. Amargam as frustrações de não entender ou não querer nos entender.

O Impulso Pedagógico da Identidade Religiosa Declarada

A nossa vivência, na escola, pode ser considerada uma legítima e permanente aplicação da Lei Nº 10.639/2003, por assumirmos a identidade visual de docentes candomblecistas. Nos terreiros, somos autorizadas e autorizados e usar chapéu ou boné, para cobrir a cabeça, disfarçando, para evitar a intolerância religiosa, nos contextos de trabalho e outros. Mas eu escolhi usar o ojá de cabeça (pano de cabeça, turbante), com a intenção de ensinar, na prática, que uma pessoa candomblecista tem muito a ensinar e pode ser uma ótima professora, competente e afetuosa, como sempre fui.

A comunicadora Midiã Noelle, em seu livro *Comunicação Antirracista*, afirma que “Representações e presenças são mensagens que recebemos todos os dias e podem impactar diretamente em nossos projetos de vida e em nossa autoestima. [...] Elementos como [...] gestos corporais e signos externos, como vestuário, desempenham um papel crucial na comunicação.” (Noelle, 2025, p. 27 e 36). O Patrono da Educação Brasileira Paulo Freire ensina que “ensinar exige a convicção de que a mudança é possível”. (Freire, 2020, p. 74). Como mulher candomblecista, eu preciso ter compromisso total, preciso me comprometer com a mudança dos costumes e das práticas, lutando pelo respeito. Passados 1º e 2º bimestres do ano letivo, posso afirmar que as nossas crianças estão aprendendo e mudando de perspectiva, quanto à diversidade religiosa. Djamila Ribeiro ensina: “Os saberes produzidos pelos indivíduos de grupos historicamente discriminados, para além de serem contradiscursos importantes, são lugares de potência e configuração do mundo por outros olhares e geografias.” (Ribeiro, 2020, p. 75).

⁸ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm

⁹ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm

¹⁰ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/l14532.htm

¹¹ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9459.htm

Além do impulso pedagógico, em relação a estudantes da nossa escola, exercemos também atitude de empoderamento. Pessoas de comunidades de terreiros de matriz africana muitas vezes evitam se afirmar como tais, por medo ou por cansaço. Conhecer o nosso relato pode empoderar nossos irmãos e nossas irmãs de fé que atuam na Educação. Joice Berth ensina:

Falar em empoderamento de um grupo social é necessariamente falar sobre democracia e expansão da sua atual restrita aplicação. Empoderamento, na vida política pública, também é efetivado pelo exercício dos direitos políticos, entre os quais a participação como cidadão e cidadã na discussão pública é a principal ferramenta. Por sua vez, quando falamos de grupos oprimidos, cujas vozes muitas vezes são silenciadas, conforme vimos anteriormente, o acesso a espaços de decisões em sociedade é uma dentre tantas estratégias de resistência. (Berth, 2019, p. 83).

A escola é o lugar do aprendizado, templo da Educação. Profissionalmente, no entanto, pode ser um lugar de violências que envolvem o assédio moral etc. A atitude antirracista nos impulsiona a lutar pelo empoderamento de colegas de profissão, também. Enfim, como Rufino (2019, p. 07), afirmamos: “Não assumiremos o repertório dos senhores colonizadores para sermos aceitos de forma subordinada em seus mundos; o desafio agora é cruzá-los, ‘imacumbá-los’, avivar o mundo com o axé (força vital) de nossas presenças.”

Resultados

Finalmente, este item visa apresentar depoimentos dos nossos estudantes. Como atividade de escrita, as crianças escreveram relatos de como se sentiram, no início do ano, ao conhecer uma professora candomblecista, e como se sentem, depois de algum tempo convivendo comigo e com o professor Marquidove, na escola. Por atuar no sexto ano – minhas turmas favoritas – atuo com estudantes que vieram do turno da manhã e iniciam nobturno da tarde, nos Anos Finais. É tudo novo, para tais crianças e adolescentes. A seguir, algumas das declarações registradas por escrito:

No início do ano, me diziam que a professora era *macumbeira*, mas eu me cansava de dizer que ela era candomblecista. No segundo dia de aula, a professora fez uma rodinha para falar sobre o turbante. Ela também deu um

texto sobre a religião dela e o turbante. Eu me admirava com o turbante que ela usava. No meio do ano, ela começou a usar cores diferentes de turbante. Ela fala sobre orixá e sobre várias coisas. Desde o início, eu tinha a impressão de que ela era do Candomblé. Ana Nayara, 6º A.

Quando eu vi a professora Késia pela primeira vez, fiquei assustada e sem reação, mas sempre a respeitei, independente de sua religião. Depois que a conheci, me acostumei pois, apesar de sua religião, ela é uma boa pessoa. Aprendi que a religião não indica o caráter de uma pessoa, importante é o respeito. Estudante que não se identificou.

A minha primeira impressão foi vulgar, chamar de *macumbeira* etc. Eu achava meio estranho, pois não estou acostumado com pessoas de outras religiões. Depois de um tempo, aprendi a respeitar e compreender a religião da professora. Matheus, 6º C.

Foi normal porque a minha bisavó é do axé. Estudante que não se identificou.

Foi normal porque tenho parentes do axé e eles pedem para respeitar todas as religiões. Wesley, 6º B.

A MINHA PROFESSORA

A minha professora é candomblecista. Ela é de uma religião que eu não conhecia direito. Mas depois que eu a conheci melhor, entendi a verdadeira origem dessa religião. O Candomblé é uma religião de matriz africana. Todo candomblecista possui seu orixá e existem dezesseis orixás. Infelizmente, aqui no Brasil, os preconceitos com o Candomblé são enormes. Esse tipo de preconceito é chamado de racismo religioso por causa da origem africana. Maria Eliza, 6º B

No início do ano, todo mundo falava que a professora de Português era *macumbeira*. Toda vez que eu conversava com colegas de classe, alguém dizia: ‘sabia que a professora de Português é *macumbeira*?’ Eu sempre imaginava e, quando passou um tempo, a professora fez uma rodinha para falarmos o que é o turbante. Muita gente ficava dizendo que ia fazer um abaixo-assinado porque ‘a professora estava ensinando *macumba*’. Eu achei isso muito sem noção porque a professora não estava ensinando a *macumba*, ela só estava falando sobre sua religião. Ter uma professora da religião de matriz africana é bem legal. A gente consegue aprender coisas de outra religião. Eu nunca tive preconceito com outras religiões, espero não ter, no futuro. Laura Louise, 6º B.¹²

Dos estudantes que participaram da atividade, 52% (cinquenta e dois por cento) alegaram que tiveram contato pela primeira vez com uma professora declaradamente candomblecista, nunca tiveram problema algum e sempre gostaram de mim; 40% (quarenta por cento) alegaram que também não tiveram, antes, contato com uma professora declaradamente candomblecista, que estranharam, nos primeiros dias, mas aprenderam a me respeitar e, hoje, a me amar; 8% (oito por cento) declararam não

¹² Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9459.htm

ter estranhado porque possuem parentes religiosos de axé – apenas um deles alega que já teve uma professora candomblecista.

Conclusão

Tendo terminado o primeiro semestre do ano letivo em que se realiza a pesquisa aqui apresentada, podemos concluir que os resultados são excelentes e afirmar que estudantes da Escola Municipal David Trindade aprenderam a usar o termo candomblecista e a evitar o termo *macumbeiro*, por ser ofensivo. Sabem, com efeito, que é possível aprender com e amar docentes candomblecistas. O sentimento de missão cumprida é o axé (força vital) do presente trabalho.

Figura 1: À direita, print da matéria do jornal A União. Na sequência, fotos feitas por estudantes, usando o celular pessoal da professora Késia.



Fonte: Acervo pessoal.

Referências

BERTH, Joice. **Empoderamento**. Coleção Feminismos Plurais, coordenada por Djamila Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

CARINE, Bárbara. **Como ser um educador antirracista**. 5ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 66 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

NOELLE, Midiã. **Comunicação antirracista: um guia para se comunicar com todas as pessoas, em todos os lugares**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2025.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Coleção Feminismos Plurais, coordenada por

Djamila Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Revisão: Marília Gonçalves. Design e desenvolvimento: Patrícia Oliveira. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

Sobre os Autores e Autoras

Késia Viviane da Mota é Licenciada, Mestra e Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba – Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFPB). Professora de Língua Portuguesa, lotada na Escola Municipal David Trindade. Possui um canal no YouTube, o canal Késia Mota, nomeado melhor canal de Linguagens ENEM, por estudantes de Medicina da USP. Instagram: @kesiamota.

Marquidove Domingos da Silva é Licenciado em Letras (Língua Portuguesa/Língua Inglesa). Professor de Língua Portuguesa readaptado, lotado na Escola Municipal David Trindade, em Mangabeira. Idealizador do projeto Chá Literário, realizado uma vez por ano, na escola. É também professor da rede estadual de ensino. Instagram: @o_mundo_de_marquidove